

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL

Documentação

Fonte D.O.U. - Sec 1 (106)
Data 02/06/2000 Pa 43-5
Class. GMD 00078

DESPACHO Nº 27, DE 31 DE MAIO DE 2000

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1522/96. Referência: Terra Indígena VARZINHA. Interessado: Grupo Indígena Guarani Mbyá. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com filcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1522/96, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria do antropólogo CARLOS ALEXANDRE BARBOZA PLÍNIO DOS SANTOS que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

I. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena VARZINHA, de ocupação do respectivo grupo tribal Guarani Mbyá, com superfície e perímetro aprovados de 795 hectares e 15 km respectivamente, localizada nos municípios de Carará e Maquiné, Estado do Rio Grande do Sul.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

GLÊNIO DA COSTA ALVAREZ

RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA VARZINHA

Referência: Processo FUNAI/BSB/1522/96. Terra Indígena: Varzinha. Localização: Municípios de Carará e Maquiné, Estado do Rio Grande do Sul. Superfície: 795 hectares. Perímetro 15 km. Sociedade Indígena: Guarani Mbyá. Família linguística: Tupi-Guarani. População: 64 habitantes (1999). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria nº 11, de 13 de janeiro de 1999, coordenado pelo antropólogo Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos.

PARTE I - DADOS GERAIS

Os Guarani somam, aproximadamente, trinta mil pessoas em território brasileiro. Ocupam o litoral dos Estados do Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, além de áreas na Argentina, Paraguai e Bolívia. Tais regiões estão associadas ao seu território tradicional e outras, como o litoral de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, constituem áreas de reocupação mais recente, decorrente de um fluxo migratório iniciado no século XIX.

A Terra Indígena Varzinha localiza-se no platô da Serra Geral, Municípios de Carará e Maquiné, microrregião setentrional do Estado do Rio Grande do Sul. O acesso à área se dá pela BR-101, que corta todo o litoral desse Estado. Próximo à entrada da cidade de Osório, por uma estrada vicinal que liga o morro da Embratel e, deste ponto, por uma outra estrada de chão em direção à colônia do Fraga, até se chegar à terra indígena.

Em 1993, cerca de 14 índios Guarani Mbyá, liderados pelo Sr. Perumi, ocuparam as terras da atual terra indígena Varzinha. Nessa época, foram realizados os primeiros trabalhos de identificação e delimitação dessa terra indígena pelo grupo técnico constituído através da Portaria PP nº 1.083/93. A partir de então, a população só tem aumentado, chegando hoje ao número de 64 pessoas.

Partindo desta terra indígena existem trilhas que levam à T. I. Barra do Ouro, a qual lhe é contígua e, também, à antiga aldeia do Rubinho, localizada num percurso de 20 km, que sobe a Serra Geral e prossegue até a localidade de Rio dos Sinos, no município de Santo Antônio da Patrulha. São caminhos conhecidos e frequentemente utilizados pelos Mbyá.

Segundo dados arqueológicos, os Guarani são conhecidos no Rio Grande do Sul desde 475 d. C., quando aparecem suas primeiras aldeias a montante do rio Jacuí, se espalhando depois por toda a bacia deste rio e pela costa, até ocupar todas as áreas de mata tropical, abundantes no litoral norte do Estado, que é seu ambiente. A faixa setentrional do litoral do Estado do Rio Grande do Sul, foi testemunha de vários aldeamentos Guarani. Dois parapeiros estão localizados nesta região: um na fazenda do Sr. Romário Marques Machado, no km 125 da Rodovia Porto Alegre - Tramandai, a aproximadamente dez quilômetros do oceano e o outro nos fundos da vila bañeira de Capão da Canoa, junto à orla setentrional da Lagoa dos Quadros.

No começo da colonização portuguesa e espanhola no sul, os Guarani estariam distribuídos em todas as áreas de mata subtropical existentes ao longo dos rios Uruguai e Jacuí, na costa e nas lagoas. Segundo Hélène Clastres (Terra sem Mal; Ed. Brasiliense, 1978:8), no século XVI os Guarani ocupavam a porção do litoral compreendida entre Cananeia e o Rio Grande do Sul; a partir daí, estendiam-se para o interior até os rios Paraná, Uruguai e Paraguai. Da confluência entre o Paraguai e o Paraná, as aldeias indígenas distribuíam-se ao longo de toda a margem oriental do Paraguai pelas duas margens do Paraná.

O território do Rio Grande do Sul foi dividido em três províncias etnográficas por Porto (Histórias das Missões Orientais do Uruguai; Ed. Selbach, 1954:48), para o século XVII, a saber: 1) Província de Ibiçá, onde viviam os índios da nação Ibirajara; 2) Província do Tape, da nação Tape, e 3) Província do Uruguai, da nação Chaná. Além desses, havia a nação Caáguá, constituída pelos índios que seriam "os últimos representantes da raça primitivíssima dos sambaquis do Sul". Porto afirma também que o Tape "era a dilatada região confinada pelas serras do Mar e Geral, a antestar no alto Jacuí e, pelo curso deste, até se lançar no mar", dominada pelos índios Tapes. Sabemos hoje que os índios Tapes eram um dos "grupos regionais" Guarani. A população na província do Tape na época dos primeiros contatos coloniais, segundo alguns historiadores, era da ordem de 60.000 índios.

Por sua localização e receptividade, os Guarani foram um dos primeiros povos autóctones a ser contatado. A história Guarani nos séculos XVI e XVII foi marcada pela presença constante dos missionários jesuítas e bandeirantes. Em 1608, os padres iniciaram os trabalhos das primeiras reduções implantadas nos territórios de Guaira, Paraná, Tapes (parte de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraguai, norte da Argentina) e Itatim (Mato Grosso do Sul, Paraguai). Entre 1630 e 1640, foram freqüentes e arrasadoras as incursões bandeirantes sobre as reduções. No decorrer do século XIX, restam aos Guarani missionários sobreviventes, seis aldeamentos distribuídos entre o leste (Gravatá) e o oeste (Santa Maria) do Rio Grande do Sul. Segundo Saint-Hilaire, abandonados os sistemas dos jesuítas, os índios foram explorados por todos os modos, dispersando-se.

As primeiras notícias, deste século, sobre a presença dos Mbyá no Rio Grande do Sul localizam esses índios no Lagoão, região norte do Rio Grande do Sul, por volta de 1908 (Assuntos do Rio Grande do Sul, Esc. de Engenharia, 1912:69). O relatório da Secretaria dos Negócios e Obras Públicas do Rio Grande do Sul, de 1910, assinala a presença de 200 Guarani no toldo de Lagoão no ano anterior. Outros relatórios dessa época mencionam a presença de grupos Guarani Mbyá e Nhandéva em Santa Rosa, Santo Cristo e Lagoão. Nos anos 70, os Guarani eram marginais nas áreas indígenas existentes, pois não existia um Posto Indígena Guarani. Nas décadas de 80 e 90, podemos assinalar vários pontos do Rio Grande do Sul onde os Guarani Mbyá habitam, em terras identificadas pela FUNAI, áreas que ainda não foram e nos acampamentos temporários. Unidos estes pontos teremos um mapa Mbyá, onde cada uma das áreas tem uma interdependência com as outras.

PARTE II - HABITAÇÃO PERMANENTE

A terra para as sociedades indígenas é muito mais que um simples meio de subsistência. Ela representa o suporte da vida social e está diretamente ligada ao sistema de crenças e conhecimento, não sendo apenas um recurso natural mas, também, um recurso sociocultural. A concepção que os Guarani têm de seu território constitui-se na base sob a qual tal terra foi por eles identificada como de ocupação tradicional indígena, perpassando pelos usos, costumes e tradições, estas constituídas pelas histórias de origem do grupo, que narram precisamente de onde vieram os primeiros ancestrais, suas viagens e aldeamentos subsequentes. É com base nessas tradições que os índios podem afirmar quais são os lugares que constituem seus *tekoa*.

A localização dos grupos Guarani ao longo do litoral relaciona-se com suas crenças no cataclismo que acabará com o mundo. Estando nesses lugares de ocupação histórica Guarani, eles estão mais perto de *Nhanderri* (deus). Quando chegar o dia do cataclismo, ou seja, quando o mar invadir a terra, os Guarani seguirão os passos do pajé que ultrapassou o mar e foi morar com *Nhanderri*.

A T. I. Varzinha segue exatamente esses preceitos míticos, religiosos e socioculturais, que são um dos suportes do modo de ser Guarani (*teko*). Conforme ressalta Meliá (El Modo de ser Guarani em la Primeira Documentación Jesuítica in Revista de Antropología, Vol 24, 1981), se não existirem locais adequados (*tekoa*), a tradição (modo de vida, *teko*) Guarani pode não sobreviver - "sem *tekoa* não há *teko*".

O lugar escolhido pelos Guarani não é único e nem definitivo. Não é único porque os Mbyá reconhecem todo o território que foi ocupado por seus antepassados, envolvendo uma imensa área que atravessa o Paraguai, norte da Argentina, Uruguai e regiões Sul e Sudeste do Brasil como território do grupo. Não é definitivo, visto que os Mbyá se mudam para outros *tekoa*, a partir de um leque de motivações, tais como cioses políticas e ou religiosas, vontade em aproximar-se de um grupo familiar mais amplo, busca de melhores condições de sobrevivência, pressões exercidas por regionais e, principalmente, a noção de terra boa ou má. Outra característica dos Guarani Mbyá é a reocupação de áreas que foram, por algum motivo, abandonadas em um dado momento.

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	D.O.U. - Sec 1 (106)
Data	02/06/2000 Pg 43-5
Class.	GM D 000 - X

Estas áreas são passíveis de reocupação no futuro pelo mesmo grupo familiar ou por outros grupos familiares pertencentes à mesma etnia.

O território reconhecido pelos Guarani tem uma perspectiva sócio-regional que ultrapassa os limites da T.I. Varzinha e é revelado pela categoria *guára*, expressão que designa um conjunto de aldeias unidas por laços de parentesco e reciprocidade. Desta forma, um *tekoa* faz parte de um complexo geográfico que compreende outras aldeias Guarani Mbyá, onde cada uma delas é fundamental para manutenção da reciprocidade e da organização social e política do grupo.

Atualmente a aldeia Varzinha é formada por 12 habitações, divididas em 3 pequenos núcleos. As casas dos Guarani Mbyá estão espalhadas, formando pequenos núcleos de três ou quatro casas, sendo que um núcleo fica logo na entrada desta terra indígena, o segundo na parte sul do morro do Porco e o terceiro na parte norte deste mesmo morro. As *Oo*, como os Mbyá chamam suas habitações, são pequenas construções de duas águas, feitas com troncos ou bambu fincados no chão, amarrados a uma travessa, no sentido horizontal, com cipó *guaembé*. O teto das habitações é feito com travessas de bambu ou finos barrotes de madeira cobertos com folhas de *pindovy*.

No Brasil, os Mbyá não constróem casas comunais; cada família elementar tem sua habitação. A família extensa patrilinear (sistema que filia um indivíduo a um grupo de parentes, todos relacionados a ele por meio da linha masculina) e uxori-local temporária (o genro habita a casa do sogro até o nascimento do primeiro filho e a estabilização do casal) é a unidade básica da sociedade Guarani.

Existe na T. I. Varzinha uma *Opy*, casa sagrada, onde são praticadas as cerimônias e rituais religiosos. A *Opy* é um local onde são ouvidas as belas palavras (*porachei*) proferidas pelos xamãs e onde são realizados os rituais como o batismo do milho (ritual de nomeação da criança, no qual lhe é dado o seu nome em Mbyá, o qual é sonhado pelo pajé), os funerais, os rituais de cura, os casamentos etc.

PARTE III - ATIVIDADES PRODUTIVAS

Os Guarani tiram da mata grande parte dos alimentos para sua subsistência. A coleta, a caça e a pesca são fontes importantíssimas para manutenção física e cultural deste povo. As invasões progressivas das matas pelos sitiantes devastam grandes áreas para especulação imobiliária e deflagram mudanças no modo de vida indígena. Na aldeia Varzinha, as transformações ocorridas na economia decorrentes do contato com a sociedade envolvente têm provocado uma relativa mudança em certos padrões tradicionais. Hoje, a coleta e a roça (agricultura) têm uma importância maior do que a caça e a pesca na subsistência do grupo, assim como a venda de artesanatos, que também tem adquirido importância substancial nos últimos tempos.

A atividade de coleta ocorre por toda essa terra indígena, a qual centra-se principalmente na coleta da samambaia, comercializada "in natura", do palmito da juçara, da corticeira, da taquarinha e de sementes nativas, estas últimas voltadas à produção de artesanato. A exploração e comercialização da samambaia nativa é verificada o ano inteiro, com aumento significativo de demanda em períodos festivos e de celebrações religiosas, como dia das mães ou finados. Caminhões de atravessadores percorrem toda a região em busca deste produto, revendendo-o posteriormente às floriculturas para confecção de arranjos florais utilizados, principalmente, em casamentos.

Uma outra importante atividade advinda da coleta é a produção de artesanato. Embora seja tradicionalmente uma tarefa feminina, atualmente os homens tomaram-se artesãos, em decorrência das necessidades do dia a dia. Foram redirecionadas as atribuições sócio-culturais, cabendo aos homens a coleta do material e ao casal a confecção das peças. Esta arte está representada, principalmente, pela confecção de colares, abanos, bolsas, balaios, cestos, esculturas de madeira, entre outros, além de pequenas esculturas de animais em madeira. Todos estes produtos são comercializados no acampamento de Três Forquilhas, às margens da BR 101 e, preferencialmente nas praias do litoral gaúcho, no verão. A venda de artesanato, juntamente com a comercialização da samambaia constituem-se como as principais atividades geradoras de renda aos Guarani Mbyá da T.I. Varzinha. Parte da renda obtida com a venda do artesanato é convertida em bens alimentares destinados ao consumo doméstico. Dessa forma, a venda do artesanato somada à de certos gêneros agrícolas, e à ajuda recebida na cidade de Osório e nas praias do litoral exercem importante papel na subsistência alimentar dos índios Guarani.

A agricultura constitui-se em uma das principais atividades da tradição Guarani Mbyá. De modo geral, o plantio de espécies convencionais (dos "brancos") é voltado para alimentação e comercialização de excedentes. Nota-se a presença de vários cultivos agrícolas tradicionais do grupo, como o milho, o amendoim, o feijão, a batata, a cana-de-açúcar etc. Além dessas roças principais, os Guarani Mbyá cultivam outras, localizadas próximas às casas, que apresentam pequenas dimensões, em média 0,05 ha. Normalmente estas roças são do tipo individuais, ou sejam pertencentes a uma só família nuclear e, em alguns poucos casos, coletivas, com maiores dimensões, sendo esta coletividade restrita a um mesmo grupo familiar.

A criação de animais, também localizada nos quintais de suas casas, ocorre em escala bastante reduzida e destina-se exclusivamente ao próprio consumo alimentar dos Guarani Mbyá destacando-se, basicamente, a criação de galinhas, voltadas ao consumo alimentar de sua carne e, principalmente, de seus ovos.

Embora seja reduzida a oferta de caça na região, os Guarani Mbyá desenvolvem esta atividade, principalmente nas encostas do morro do Porco e na região da Borússia, onde dispõem boa parte de seu tempo espalhando e verificando a cada dois ou três dias os vários tipos de armadilhas ali distribuídas, como o laço, o *mundi* e as arapucas, utilizadas na captura de diferentes tipos de mamíferos e pássaros, que por sua vez constituem-se nas principais fontes protéicas da dieta alimentar do grupo.

A pesca no Arroio das Domingas que divide a T. I. Varzinha, é praticada individualmente ou em pequenos grupos, podendo contar com a participação das mulheres e das crianças. Entre as espécies obtidas pescam principalmente a traíra, o lambari e o cará.

Em Varzinha acontece o chamado *puxião*. Tratam-se de atividades coletivas, em que uma família chama duas ou mais para ajudarem numa roça, na construção de uma casa residencial ou de reza. Pode ocorrer também com duas ou mais aldeias, ligadas entre si por vínculo de parentesco, que se juntam durante uma dada época do ano para um fim comum.

Ocorre também em Varzinha a prestação de serviço/trabalho sazonal ou seja alguns sitiantes contratam os Mbyá para o plantio e para a limpeza de roças. Os Mbyá cobram meio salário mínimo por um período de 15 dias.

PARTE IV - MEIO AMBIENTE

A Terra Indígena Varzinha encontra-se inserida na região ecoclimática de Clima Temperado do tipo Mesotérmico Brando, de característica superúmido. Segundo dados climáticos, obtidos junto à Secretaria de Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, a microrregião do Litoral Norte apresenta uma temperatura média anual entre 15 °C e 19 °C, umidade relativa variando de 75 % à 85 % e precipitação em torno de 1.100 mm/ano à 1.900 mm/ano, com cerca de 110 à 130 dias de chuva uniformemente distribuídas ao longo do ano.


Verifica-se na T. I. Varzinha a ocorrência de seis nascentes sendo que destas, duas são formadoras do arroio dos Sinos, das quais uma localiza-se no limite noroeste e outra, no limite sul. Quanto ao arroio das Domingas, este nasce no limite nordeste desta terra indígena, enquanto as outras três nascentes, todas localizadas no limite norte, uma situa-se exatamente na linha que delimita o território indígena e as outras duas, cada qual é formadora dos dois arroios.

A floresta nessa terra indígena é a do tipo ombrófila densa que caracteriza-se por ser uma floresta latifoliada, apresentando uma vegetação bastante exuberante, alta e desenvolvida, constituída por árvores de grandes dimensões, composta por espécies pertencentes à várias formas biológicas e estratos. São poucas as fitofisionomias existentes na T.I. Varzinha, a qual se apresenta totalmente revestida por uma cobertura florestal bastante uniforme, representada por uma floresta secundária, dispersa por toda a área, alguns pequenos bolsões de floresta primária, em locais de declives bastante acentuados, situados em seu limite noroeste, precisamente na região da Borússia, porém pouco representativos e impossíveis de serem georeferenciados em mapas de escala reduzida, áreas de capoeiras e capoeirinhas, localizadas principalmente no limite sudeste do território indígena delimitado e, por fim, uma estreita faixa de vegetação ciliar, presente às margens dos arroios dos Sinos, no limite sul e oeste desta terra indígena, no das Domingas, em seu limite leste e na cabeceira de um terceiro, não identificados, localizados no limite norte da T.I. Varzinha.

O aproveitamento dos recursos vegetacionais da área Guarani Mbyá, se dá conforme a ocorrência e distribuição das diferentes tipologias existentes, sendo que nas áreas de capoeira e capoeirinha desenvolve-se: atividade agrícola, criação animal, caça e coleta, enquanto que nas regiões de matas secundárias e ciliares predominam as de caça e, principalmente as de coleta.

PARTE V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Os Guarani Mbyá do Rio Grande do Sul, mais especificamente os da Terra Indígena Varzinha, são extremamente tradicionais do ponto de vista da religião e procuram fundar suas aldeias com base nos preceitos

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	000 - Sec 1 (106)
Data	02/06/2000 Pg CONT.
Class.	GMD000008

míticos que fundamentam, especialmente, a sua relação com a Mata Atlântica, a qual condiciona sua sobrevivência prática e simbólica.

No plano simbólico, consideram que o "criador" originou a construção do mundo Mbyá em alguns lugares do litoral. Esses lugares, procurados ainda hoje pelos Mbyá, apresentam, por meio de elementos da flora e da fauna típicos da Mata Atlântica, formações rochosas e mesmo ruínas de edificações antigas, indícios que confirmam essa tradição. Formar aldeias nesses lugares "eleitos", como é o caso da aldeia Varzinha, significa estar mais perto do mundo celestial pois, para muitos, é a partir desses locais que o acesso a "jvy marãey", a "terra sem males", é facilitado - objeto histórico perpetuado pelos Mbyá através de seus mitos.

Uma terra Mbyá inclui ainda a floresta (*ka'agy*) e todo o ecossistema a ela referido como caça, pesca, água, espaço para cultivo de roças e espaço para educarem suas crianças dentro dos princípios culturais Mbyá. Nos lugares "eleitos" os Mbyá constroem *Opy*, onde praticam suas cerimônias e rituais religiosos. A presença da *opy* e a prática xamanística atestam a realização de um modelo cultural considerado ideal pelos Guarani. É, segundo eles, viver conforme seu sistema e o respeito aos locais sagrados falados por *Nhanderi*, que fazem parte do seu território como as matas preservadas, a casa de reza, a família, os animais, os rios e o cemitério. A T. I. Varzinha reúne todos os pontos importantes para o estabelecimento de um *nandereko*: as matas no Morro do Porco, as nascentes, o arroio das Domingas, as roças de milho, a *opy* (casa de reza) e o cemitério.

A organização social Guarani baseia-se na família extensa, ou seja, família composta do pai/mãe, sogro, filhos solteiros, filhas casadas, genros e netos. Em Varzinha, a modalidade de residência é matrilocal. O pajé e o cacique são as únicas autoridades que podem celebrar um casamento. Os Guarani procuram manter a endogamia étnica, pois o casamento ideal é entre indivíduos do mesmo subgrupo, da mesma aldeia ou de outras aldeias Mbyá. As modalidades mais utilizadas de residência após o casamento são a patrilocal e a matrilocal. Em Varzinha, a modalidade de residência é matrilocal, podendo o homem construir sua residência ao lado da casa da família da esposa (ou então passa a morar, temporariamente, com os pais de sua mulher). Neste tipo de modalidade, é comum exigir-se do marido que trabalhe para os sogros, caçando, pescando ou cuidando da roça durante um certo período de tempo; é o chamado "serviço da noiva".

A população em Varzinha está assim composta: são 31 mulheres e 33 homens, perfazendo um total de 68 pessoas. Cerca de 30 % da população de Varzinha é constituída por crianças de 0 a 10 anos. Estes dados apontam para uma alta taxa de natalidade, projetando um elevado crescimento populacional para o futuro, a exemplo de outras comunidades Mbyá do Rio Grande do Sul. O crescimento populacional e o grande contingente de crianças demanda um maior desempenho econômico por parte dos chefes de famílias, e, conseqüentemente, melhores condições ambientais necessárias à realização do padrão cultural Guarani Mbyá.

Os Mbyá de Varzinha têm relações de parentesco com vários Guarani Mbyá ocupantes de outras terras indígenas do Rio Grande do Sul. Mantêm relações também com os Guarani de terras indígenas de outros Estados e também de outros países. Visitam sistematicamente parentes estabelecidos nessas terras e os recebem com freqüência. As relações com os Mbyá das Terras Indígenas Guarani Barra do Ouro e Cantagalo são mais freqüentes e intensas, dada a proximidade entre as duas áreas e à grande quantidade de parentes nelas residentes. Reuniões e festas de cumho religioso também são freqüentes. Nestas ocasiões, outros Guarani são convidados.

Diferentemente são as relações estabelecidas pelos Guarani Mbyá de Varzinha com a sociedade envolvente, a população da Colônia do Fraga e das redondezas. Elas são marcadas por respeitosa cordialidade de ambos os lados. Os Guarani prezam um relacionamento distante mesmo com a população regional mais próxima. Com ela não são estabelecidas relações mais estreitas como casamentos, compadrios e etc.

PARTE VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

A Terra Indígena Varzinha coincide parcialmente com uma área que chegou a ser colocada para a colonização, o que de fato não se concretizou, e que é denominada nos mapas e registros da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul como Núcleo Varzinha, composto de 23 lotes de aproximadamente 25 ha cada.

Consultada a Secretaria de Agricultura e Abastecimento sobre a titularidade do núcleo Varzinha, esta informou por meio do Atestado nº 001/2000, de 24/02/2000, que todos os lotes são devolutos do Núcleo Varzinha, menos 1 titulado a José Ferreira da Rosa, e que também a Colônia Borússia é devoluta, como afirma o Atestado nº 002/2000, de 24/02/2000. Na área identificada, com 795 ha, não existem ocupantes não-indígenas, nem mesmo construções ou quaisquer outras formas de benfeitorias.

Em seus limites norte e oeste, região da Borússia, a Terra Indígena Varzinha é contígua a Terra Indígena Guarani Barra do Ouro.

PARTE VIII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO

A proposta de identificação e delimitação da Terra Indígena Varzinha, apresentada pelo Grupo Técnico Portaria nº 11/99, foi elaborada em conformidade com o estabelecido pelo artigo 231, § 1º, da Constituição Federal, pelo Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996 e pela Portaria nº 14, de 9 de janeiro de 1996. A terra indígena, ora identificada, está localizada no espaço que os Guarani Mbyá reconhecem como território ancestral, que hoje habitam e usam produtivamente de forma permanente.

Os trabalhos de identificação e delimitação foram feitos com base nos estudos de natureza etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica e ambiental, bem como no levantamento fundiário realizado no local e nos Cartórios de Registro de Imóveis das Comarcas de Osório e Maquiné. A terra indígena Varzinha está localizada no espaço que os Guarani Mbyá reconhecem como território ancestral, que hoje habitam e usam produtivamente de forma permanente. Esta terra indígena contém as áreas imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem-estar e à reprodução física e cultural dessa população indígena, segundo seus usos, costumes e tradições. A proposta da área reivindicada pelos Mbyá, contou com o acolhimento dos participantes do referido Grupo Técnico.

Pelo exposto e com base no artigo 231, da Constituição Federal e pelo Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996, propomos que a Terra Indígena Varzinha seja reconhecida como de ocupação indígena e demarcada com uma superfície aproximada de 795 hectares e perímetro aproximado de 15 km, conforme mapa e memorial descritivo a seguir.

CARLOS ALEXANDRE BARBOZA PLÍNIO DOS SANTOS
Antropólogo/Convênio FUNAI/UNESCO

Diretoria de Assuntos Fundiários - DAF
Departamento de Demarcação - DED
Memorial Descritivo de Delimitação
Denominação
Terra Indígena VARZINHA
Grupo Indígena
Guarani Mbyá
Localização

Município: Cará e Maquiné

Estado: Rio Grande do Sul

Administração Executiva Regional: Passo Fundo

Coordenadas dos Extremos

Extremos:	Latitude	Longitude
Norte:	29°42'08"S	50°13'59"WGr
Leste:	29°43'31"S	50°13'22"WGr
Sul:	29°44'20"S	50°13'49"WGr
Oeste:	29°42'17"S	50°16'05"WGr

Base Cartográfica

Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SH.22-X-C-V-1 e SH.22-X-C-V-2	1:50.000	DSG	1970

Dimensões

Superfície: 795 ha (setecentos e noventa e cinco hectares), aproximadamente.
Perímetro: 15 km (quinze quilômetros), aproximadamente.

